

# IDENTIDADE NA ADOLESCÊNCIA: COMPREENDENDO A SUA FORMAÇÃO E REPERCUSSÕES

Paula Lemos \*  
Roberta Marback \*\*

## RESUMO

A adolescência é uma fase do desenvolvimento de inúmeras mudanças na vida do indivíduo, sendo elas, biológicas, físicas, cognitivas, emocionais e sociais. Este tema vem sendo estudado desde do século XX, entretanto, até a contemporaneidade ainda persistem mitos e incompreensões acerca desta etapa do ciclo de vida. O presente artigo apresenta e discute, a partir de uma revisão narrativa de literatura, a formação da identidade na adolescência, os comportamentos pertinentes a esta fase, o desenvolvimento das habilidades sociais, além de relacionar os principais fatores de riscos e os prejuízos que podem acarretar ao desenvolvimento dos jovens, a partir de uma perspectiva desenvolvimental e não patológica.

**Palavras-chave:** Adolescência; Desenvolvimento; Identidade; Habilidades Sociais.

## ABSTRACT

Adolescence is a stage in the development of innumerable changes in the individual's life, being biological, physical, cognitive, emotional and social. This theme that has been studied from the 20th century, however, until the contemporary myths still persist and misunderstandings about this stage of the life cycle. This article presents and discusses, onwards a narrative literature review, the identity formation in adolescence, the behaviors relevant to this phase, the development of social skills, in addition to the major risk factors and the damages that can lead to the development of young people from a development and non-pathological perspective.

**Keywords:** Adolescence; Development; Identity; Social Skills.

## 1 INTRODUÇÃO

A adolescência é uma fase desenvolvimental que, de acordo com o Estatuto da Criança e do Adolescente, abrange o período dos 12 aos 18 anos de idade (Brasil, 1990). Entretanto, alguns autores como Bee (1997) estendem esse período até os 20 anos, compreendendo a partir disso, que essa faixa etária permeia inúmeras mudanças em níveis biológicos, comportamentais, psíquicos, emocionais e sociais.

Ainda de acordo com Bee (1997), trata-se de um estágio de intensa procura pelo *self* psicológico, pela identidade de gênero e sexual, além da busca pelo lugar de singularidade no mundo. Desta forma, nessa faixa etária há necessidade de busca da autoafirmação, independência dos pais, o que, muitas vezes, torna os jovens vulneráveis, à medida que questionam ordens e experimentam novas situações sem receberem orientações devidas.

A partir dessa perspectiva, fatores neurológicos como alterações nas glândulas suprarrenais e do eixo hipotalâmico-gonadal (HHG), justificam comportamentos impulsivos, além das mudanças vivenciadas nesse período, principalmente as relacionadas aos órgãos reprodutores e os seus desdobramentos. Entretanto, é importante salientar que as

transformações variam de acordo com o meio sociocultural, além de ocorrerem de forma única para cada indivíduo (NEUFELD, 2017).

Ainda neste intervalo, autores como Blakemore et al. (2010) apontam que os adolescentes vivenciam inúmeras mudanças no campo das influências sociais, sendo obrigados a pensarem em seus novos papéis acadêmicos, ocasionando inúmeras pressões e gigantescas alterações psicológicas. O processo do adolescer, além de possuir inúmeras metamorfoses biológicas, também está diretamente relacionado com a cultura, meio familiar, social e escolar nos quais os jovens estão inseridos, os quais exercem influência significativa sobre o comportamento dos adolescentes, bem como na maneira como estes lidam com as diversas situações que ocorrem neste período.

Por conseguinte, autores como Papalia e Feldman (2013) destacam a adolescência como uma construção cultural que, mesmo sendo definida desde do século XX como uma faixa etária do desenvolvimento humano, ainda sofre inúmeras mudanças até os tempos pós-modernos. A exemplo, tem-se comportamentos ansiosos mais frequentes relacionados principalmente a fatores, como: identidade sexual, imagem corporal, pressão de desempenho acadêmico, influência digital, sendo necessário ressaltar que estes aspectos possuem relação intrínseca com o meio sociocultural que cada jovem está inserido.

Desta esta maneira, é necessário ter um olhar mais atento para a adolescência, uma vez que, nesta fase ocorre o desenvolvimento bastante importante de competências emocionais, cognitivas, sociais, além da autoestima, autonomia e da consolidação da identidade do indivíduo. Sendo assim, este trabalho teve como objetivo apresentar e discutir aspectos que contribuem para a formação da identidade na adolescência, os seus principais fatores de risco, além das principais repercussões atuais sobre o tema, a partir de uma perspectiva desenvolvimental.

## **2 MÉTODO**

O presente trabalho foi desenvolvido a partir de uma revisão narrativa da literatura que, segundo Rother (2007), é uma pesquisa bibliográfica ampla, que apresenta e discute determinada temática. Para isso, foram compilados artigos científicos e livros que abordam a adolescência, a partir de uma perspectiva desenvolvimental e a relação desta com a identidade. A busca para os artigos científicos foi realizada em sites como Google Acadêmico (*Google Scholar*) e Scielo. Esses buscadores abrangem um considerável número de

publicações científicas, que estão disponíveis ao público, não necessitando, assim, de um acesso privado. As chaves de busca utilizadas foram: “Adolescência e Identidade”; “Adolescência e Sexualidade”; “Adolescência e habilidades sociais”; “Adolescência e Desenvolvimento Humano”.

Dessa maneira, transcorreu-se, então, a análise das produções sobre o tema, buscando-se compreender a formação da identidade e sua relação com a adolescência, além dos aspectos socioemocionais relacionados à temática.

### **3 RESULTADOS E DISCUSSÃO**

#### **3.1 A formação da identidade e os seus possíveis comprometimentos**

O processo de socialização é algo inerente à condição humana e atrelados a este estão a formação da identidade e ideologia, que são fundamentais para a construção da personalidade e do desenvolvimento do indivíduo. De acordo com Lane (2006), muitas características que a pessoa possui ao longo da vida são adquiridas através da socialização, principalmente, pelo contato com grupos, descobrindo assim as suas próprias percepções sensoriais do mundo que a cerca.

Nessa perspectiva, a adolescência é o marco do processo de socialização, sendo este um ciclo definido por bastante aproximação de pares, grupos de amigos, busca de novas informações e experiências, tornando o vínculo um aspecto importante dessa faixa etária. A aproximação de pares e grupos ocorre de forma bastante singular, como por exemplo, o uso de gírias - linguagem bastante utilizada entre os adolescentes - e atualmente, por meio de redes sociais, como *facebook*, *instagram* e *twitter* (NEUFELD, 2017).

A busca por esses grupos fornece informações aos jovens que, através do contato com o outro, da diversificação de papéis desempenhados, como amigo, estudante, filho, colega de sala, o adolescente vai se descobrindo como ser único, diferenciando-se dos demais, formando e começando a compreender a sua identidade social que, de uma forma geral, é marcada pelo conjunto de papéis que o sujeito executa e que mantém as relações sociais. (LANE, 2006).

No entanto, é necessário estar atento a fatores que podem comprometer os aspectos da formação da identidade, principalmente, pela adolescência ser um período em que os sujeitos procuram validação no outro, aspectos como a imagem corporal e autoestima podem ser ameaçados. Desse modo, também é fundamental compreender as diferenças de gênero, uma

vez que meninas são mais insatisfeitas com os seus corpos, principalmente devido às pressões sociais e a padrões estéticos estabelecidos pela cultura. Normalmente as jovens desejam ser mais magras, o que pode gerar comportamentos alimentares disfuncionais e até mesmo transtornos, como anorexia e bulimia (PAPALIA; FELDMAN, 2013).

Não obstante, cercados de fatores pós-modernos como uma alta carga de estudos, jogos eletrônicos e violência urbana, muitos adolescentes não praticam atividades físicas. Além disso, fatores como estresse e ansiedade contribuem para que muitos sujeitos comecem a desenvolver compulsões alimentares, acarretando sobrepeso e obesidade, sendo este um grave problema de saúde pública mundial. Sendo assim, adolescentes obesos começam a perceber as suas imagens corporais de forma negativa (NEUFELD, 2017).

A partir disso, autores como Gazzaniga e Heatherton (2005) apontam que cuidadores também desempenham papel essencial na influência do desenvolvimento social dos adolescentes, principalmente por serem responsáveis pelo fortalecimento de um apego seguro com os jovens e estimularem emoções positivas. Outro ponto acerca da socialização na adolescência, está diretamente ligado ao desenvolvimento neurológico. O jovem neste período é incumbido, a partir de uma lógica evolutiva, a desenvolver novos comportamentos sociais. Entretanto, a adolescência ainda é uma fase do ciclo de vida em que os indivíduos necessitam lidar com estereótipos, estes que muitas vezes são negativos e que geram inúmeros danos psíquicos aos sujeitos, comprometendo sua segurança e autoimagem. Desta forma, esta faixa do desenvolvimento requer atenção diferenciada por parte dos cuidadores, dos educadores e psicólogos, sempre em busca de um desenvolvimento saudável.

### **3.2 Adolescência e Sexualidade**

A adolescência é uma fase de inúmeras descobertas, dentre elas, a sexual. Papalia e Feldman (2013) e Neufeld (2017) apontam que nesta fase surge interesse maior pela atividade sexual, como também o descobrimento do próprio corpo, a busca por parceiros, consolidação da orientação e da identidade sexual.

Por isso, um aspecto importante sobre esse tema é compreender a sexualidade dos adolescentes como um aspecto amplo, inerente ao ser humano desde o seu nascimento e que ultrapassa a biologia e puramente o ato sexual. A sexualidade abrange as experiências sexuais, beijos, abraços, além de variados aspectos e momentos, tendo constantes descobertas em sua experimentação pelo sujeito. Desta forma, está ligada diretamente ao exercício da cidadania,

ao respeito por si e pelo outro, às questões de gênero, saúde e no direito à informação (PAPALIA; FELDMAN, 2013).

Ainda de acordo com Papalia e Feldman (2013), a identidade sexual é o reconhecimento pela própria orientação sexual e gênero, pelas manifestações da sexualidade, como por exemplo a busca por pares e a formação de uniões afetivas e sexuais. A partir disso, pode-se observar que fatores como: autoimagem, aceitação e pertencimento a grupos estão atrelados à identidade sexual, tornando este aspecto desenvolvimental um fator de risco e vulnerabilidade para muito jovens, especialmente homossexuais, transsexuais e transgêneros.

Nesse contexto de descobertas, um aspecto importante que perpassa a sexualidade, é a orientação sexual e a identidade de gênero. Estudos realizados por Diamond e Williams (2003) apontam que muitos adolescentes homossexuais e bissexuais apresentam dificuldades em encontrar e identificar pares. Muitos relatam que fatores como violência, discriminação, insegurança e medo da rejeição familiar e social contribuem de forma significativa para o afastamento da busca de experiências sexuais pelos jovens.

Outro ponto importante a ser considerado sobre o exercício da sexualidade é a cultura. Muitas vezes esta reduz a sexualidade apenas a um fator reprodutor e aos órgãos genitais. Desta forma, pode-se perceber a relação tênue que há entre a experimentação sexual dos adolescentes e esta fase desenvolvimental, tal que, em uma análise mais aprofundada, nota-se que muitos jovens se sentem angustiados e com sentimentos de culpa, principalmente por muitas vezes terem anseios diferentes dos impostos socialmente e por suas famílias. Dessa forma, é notório salientar como este conflito dificulta a vivência da sexualidade e acaba contribuindo para os sujeitos não cumprirem plenamente sua exploração (PAPALIA; FELDMAN, 2013).

Neufeld (2017) afirma que mesmo com grande desenvolvimento tecnológico e sociocultural desde do final do século XX, até hoje muitos adolescentes ainda não possuem muitas informações sobre métodos contraceptivos, doenças sexualmente transmissíveis, masturbação, além de terem poucas discussões com familiares e professores sobre estes assuntos e o conhecimento do próprio corpo. A falta de informação e o fato da sociedade ter a sexualidade como tabu, em conjunto, colocam alguns adolescentes em condições vulneráveis, muitos acabam contraindo doenças sexualmente transmissíveis ou tendo uma gravidez indesejada, fazendo-se necessária uma observação mais atenta a este tema, também, no âmbito da saúde pública.

À medida que compreende-se a sexualidade e os seus desdobramentos, ainda é possível abordar como a falta da exploração desta e a não aceitação da identidade sexual pelo sujeito contribuem para problemas de auto-estima, sendo que esta é diretamente afetada pelas relações sociais e pela sexualidade. É importante compreender como o exercício saudável da sexualidade desde a adolescência é fundamental para a manutenção e aceitação da identidade sexual ao longo do desenvolvimento (MATIAS, 2007).

### **3.3 Adolescência e Habilidades Sociais**

De acordo com Caballo (2012), habilidades sociais (HS) podem ser compreendidas como um conjunto de comportamentos sociais emitidos por um indivíduo em contextos interpessoais que expressam sentimentos, desejos, atitudes, opiniões ou direitos do indivíduo, sendo adequados e pertinentes à situação, respeitando, assim, comportamentos, crenças, atitudes, desejos e opiniões dos demais.

Essa tarefa do desenvolvimento começa na infância, iniciando-se a progressão das HS a partir dos processos de socialização com os cuidadores e, posteriormente, nos futuros ambientes nos quais a criança será inserida. Exemplificando, crianças que desde muito cedo são motivadas socialmente e reforçadas positivamente em alguma esfera, seja ela familiar ou escolar, possuem no futuro uma maior probabilidade de apresentar um melhor repertório de habilidades sociais (CABALLO, 2012).

Entretanto, cuidadores negligentes, ou seja, que não estão atentos às necessidades das crianças, se insentam de responsabilidades ou simplesmente onde há uma relação familiar sem afeto, possibilitam que estas apresentem comportamentos apáticos ou agressivos, além de se sentirem inseguras e vulneráveis em futuros relacionamentos sociais (GOMIDE et al., 2005).

Com isso, Neufeld (2017) aponta que é durante a adolescência que ocorrem a afirmação e a construção de novas HS, sendo estas atreladas à interação dos jovens com seus pares. À medida que estes interagem, encontram o seu espaço nos grupos sociais, escolhem assim comportamentos que sejam valorizados socialmente e que contribuam para uma percepção favorável da própria identidade.

O desenvolvimento de HS na adolescência está relacionado principalmente ao fato do jovem conseguir incrementar a tomada de decisões, controlar a impulsividade, pensar em consequências e elaborar as suas capacidades afetivas. Além disso, é necessário desenvolver

nesta etapa da vida a capacidade de expressar sentimentos, lidar com críticas e pressões sociais (SILVA; MURTA, 2009).

Ainda de acordo com Silva e Murta (2009), déficits em HS, especialmente na adolescência, podem comprometer em algum aspecto fases subsequentes do ciclo de vida. Os principais problemas percebidos estão relacionados a condutas antissociais, desajustes na escola e, posteriormente, no trabalho, uso de substâncias psicoativas, condutas sexuais de risco, problemas de relacionamento, além de probabilidade em desenvolver depressão e comportamento suicida.

### **3.4 Adolescência e fatores de risco que podem comprometer a sua formação**

A adolescência é uma fase de diversas mudanças, sendo que a busca pela identidade, independência, curiosidade, afiliações a grupos sociais pode colocar o adolescente em situações de vulnerabilidade, sendo que, muitas vezes, estas podem comprometer o desenvolvimento do indivíduo de forma bastante significativa. Entre os principais fatores de risco, encontram-se o uso de substâncias psicoativas, violência familiar, *bullying*, além do uso excessivo da tecnologia (NEUFELD, 2017).

Desta forma, Papalia e Feldman (2013) apontam que os primeiros anos da adolescência são mais propícios para a utilização de substâncias de abuso, além de ressaltarem que estas estimulam áreas cerebrais ainda em desenvolvimento, sendo assim, quanto mais cedo se inicia o consumo, maior é a chance de dependência. Entretanto, é importante observar que as principais substâncias consumidas pelos adolescentes são as lícitas, principalmente o álcool, geralmente relacionado à estimulação social.

Desta forma, recente estudo realizado por Coutinho et al. (2016) destaca que álcool é a substância mais consumida entre os jovens no Brasil, além do seu uso aumentar no decorrer do tempo. Desta forma, a pesquisa mostra que 24,1% dos jovens informaram terem iniciado o consumo de bebidas alcoólicas antes dos 12 anos de idade, sendo que o abuso precoce de álcool e outras substâncias psicoativas, pode acarretar comportamentos sexuais de risco, acidentes automobilísticos, comprometimento cognitivo e emocional, além de problemas em etapas futuras do desenvolvimento.

Outro comportamento de risco para inúmeros adolescentes tem sido a exposição desde muito cedo a ambientes violentos, principalmente quando esta acontece desde da infância. Neufeld (2007) aponta que violência no ambiente familiar é caracterizada por negligência,

violência física, psicológica e/ou sexual, e na maioria dos casos, a violência doméstica está relacionada a fatores como estresse familiar decorrente de problemas financeiros e de saúde, dificuldade de comunicação entre os membros, desemprego, abuso de álcool e outras substâncias psicoativas, além de um histórico de violência já sofrido pelos próprios cuidadores. Diante disso, muitos indivíduos que sofreram e/ou foram expostos a constantes formas de violência na infância, durante o período da adolescência tendem a procurar por relacionamentos amorosos abusivos ou serem violentos nestes, reproduzindo desta forma, os padrões comportamento aprendidos e os colocando em risco como autores ou vítimas em seus relacionamentos ao longo da vida.

Outro ponto ressaltado por Margolin e Vickerman (2007) são as chances de jovens que são expostos à violência familiar desde muito cedo, apresentarem, durante a adolescência, grande probabilidade de desenvolvimento do transtorno do estresse pós-traumático (TEPT), além de comportamentos agressivos, não somente em relacionamentos amorosos, mas também em diversas outras formas de relacionamento, como maior dificuldade de vinculação e de relacionamento com o outro em fases posteriores do desenvolvimento.

Isto posto, a sociedade pós-moderna traz inúmeras mudanças sociais como comportamentos mais frequentes de *bullying*, além da violência ocorrida através das redes sociais. O *bullying* pode ser compreendido quando adolescentes são expostos, de forma repetitiva, a atos de agressividade diretos ou indiretos, além de apresentar o comportamento agressivo por meio verbal, físico e na forma de se relacionar. Os lugares mais frequentes em que ocorrem esse evento são o ambiente escolar e contextos nos quais os adolescentes estão reunidos em grupos, como por exemplo, condomínios e clubes de esporte (NEUFELD, 2017).

Por conseguinte, Lopes Neto (2005) aponta que adolescentes que sofrem *bullying* podem enfrentar consequências de longo e curto prazo, sendo elas acadêmicas como perda da motivação para ir à escola e queda do rendimento escolar, sociais como dificuldade de relacionamentos e emocionais, como baixa auto-estima. Além disso, adolescentes vítimas de *bullying* são mais propensos na idade adulta em desenvolverem depressão e quadros ansiosos e, em alguns casos, ideação suicida, evidenciando desta forma, esta temática como um grave problema no âmbito da saúde pública e mental.

Outra temática que perpassa a contemporaneidade são as influências tecnológicas e as consequências do uso excessivo para os adolescentes. Neufeld (2017) aponta que muitos jovens ao realizarem o uso inadequado da tecnologia, como postagens excessivas, passar muito tempo conectado a jogos eletrônicos e redes sociais, podem desenvolver distúrbios do

sono e distorções cognitivas, tal que, os mesmos tendem a se sentirem inseguros e a valorizar excessivamente a opinião de terceiros, com comportamentos de sempre esperarem *likes* e muitos comentários em suas postagens, gerando em muitos casos, uma ansiedade em excesso com o medo de rejeição.

Por conseguinte, outras consequências que emergem do uso inadequado dos meios tecnológicos são comprometimentos psíquicos, como o desenvolvimento de crenças negativas a respeito de si e dos outros, dificuldade em confiar e se relacionar, além de danos à autoestima e ao autoconceito, aspectos essenciais na formação da identidade do sujeito. Na literatura pesquisada, ainda escassa, pesquisas estudam danos a longo prazo do uso indevido dos meios digitais, por isso, neste momento, é importante que cuidadores estabeleçam um monitoramento eficaz do uso de redes sociais e jogos eletrônicos, a fim de minimizarem ao máximo os possíveis danos ao desenvolvimento dos adolescentes (NEUFELD, 2017).

#### **4 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A adolescência é considerada uma fase do desenvolvimento desde do século XX, entretanto, ainda perpassam por esta inúmeros mitos e incompreensões sobre os comportamentos pertinentes a esta fase do ciclo de vida. Muitas vezes tais comportamentos são vistos de forma patológica ou encarados apenas como algo próprio da adolescência e, conseqüentemente, negligenciados.

Os estudos encontrados na literatura pesquisada demonstram como a adolescência é um período de extrema importância na vida do indivíduo, acontecendo nesta a estruturação da personalidade, a formação da identidade e o desenvolvimento de competências como as habilidades sociais. Entretanto, também foi possível constatar que quando adolescentes são expostos a fatores de riscos e se tornam vulneráveis, ocorrem sérios danos no seu desenvolvimento.

Isto posto, Neufeld (2017) ressalta que a adolescência também é uma fase de inúmeros desafios para cuidadores, familiares, educadores e amigos, principalmente devido a comportamentos impulsivos e a uma certa dificuldade no padrão de relacionamento dos adolescentes. Contudo, é necessário que os indivíduos ao passarem por esta etapa do ciclo de vida possam contar com uma sólida rede de apoio, sendo esta fundamental no desenvolvimento de aspectos emocionais, além de auxiliá-los em situações de turbulências e confusões, como a escolha profissional.

Por conseguinte, compreende-se a notória importância de estudar esta etapa do desenvolvimento, assim como, as suas principais repercussões para o indivíduo, principalmente afim de identificar precocemente fatores peculiares a este estágio, garantindo as oportunidades e minimizando os aspectos de risco, essenciais para um desenvolvimento saudável.

## REFERÊNCIAS

BEE, Hele. **O Ciclo Vital**. Tradução de Regina Garcez. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

BLAKEMORE, Sarah-jayne et al. The role of puberty in the developing adolescent brain. **Human Brain Mapping**, v. 31, n. 6, p.926-933, 3 maio 2010. Wiley-Blackwell. <http://dx.doi.org/10.1002/hbm.21052>.

BRASIL. Constituição (1990). Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990. Dispõe sobre o **Estatuto da Criança e do Adolescente e dá Outras Providências**. Brasília.

DIAMOND, L. M., & Savin- Williams, R.C, The Intimate relationships of sexual- minority youths. In G. R Adams e M.D Berzonsky (Eds.), 2003, Malden.

CABALLO, Vicente E. Os componentes cognitivos In: \_\_\_\_\_ **Manual de avaliação e treinamento das habilidades sociais**. São Paulo: Santos, 2012. Cap. 2, p. 82 – 94.

COUTINHO, Evandro Silva Freire et al. ERICA: patterns of alcohol consumption in Brazilian adolescents. **Revista de Saúde Pública**, São Paulo, v. 50, n. 1, p.1-9, 2016.

GAZZANIGA, Micael S.; HEATHERTON, Todd F.. **Ciência Psicológica: Mente, Cérebro e Comportamento**. 2. imp. rev- ed. Porto Alegre: Artmed, 2005. 624 p.

GOMIDE, Paula Inez Cunha et al. Correlação entre práticas educativas, depressão, estresse e habilidades sociais. **Psico- Usf**, São Francisco, v. 10, n. 2, p.169-178, 2005.

LANE, Silvia T. Maurer. **O que é a Psicologia Social: Uma perspectiva transdiagnóstica e desenvolvimental**. 22. ed. São Paulo: Brasiliense, 2006. 90 p.

LOPES NETO, Aramis A.. Bullying comportamento agressivo entre estudantes: Bullying aggressive behavior among students. **Jornal de Pediatria**, Brasil, p.164-172, 2005.

MARGOLIN, Gayla; A VICKERMAN, Katarina. Posttraumatic stress in children and adolescents exposed to family violence: I. Overview and issues. **Journal Information: American Psychological Association**, Estados Unidos, p.613-619, 2007.

MATIAS, Daniel. Psicologia e orientação sexual: Realidades em transformação. **Análise Psicológica**, Paraná, p.149-152, 2007.

NEUFELD, Carmen Beatriz. **Terapia Cognitivo- Comportamental para adolescentes:** Uma perspectiva transdiagnóstica e desenvolvimental. Porto Alegre: Artmed, 2017. 400 p.

PAPALIA, Diane E; FELDMAN, Ruth Duskin. **Desenvolvimento Humano.** 12. ed. Porto Alegre: Artmed, 2013. 800 p.

ROTHER, E.T. Revisão sistemática x revisão narrativa. **Acta Paulista de Enfermagem**, v. 20, n. 2, p. 6-7, 2007.

SILVA, Mariana de Paula e; MURTA, Sheila Giardini. Treinamento de Habilidades Sociais para Adolescentes: Uma Experiência no Programa de Atenção Integral à Família (PAIF): Social Skills Training for Adolescents: An Experience in the Program of Comprehensive Attention to the Family. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, Goiás, p.136-143, 2009.